

QUESTÕES DE GÊNERO E SORORIDADE EM *A COR PÚRPURA*

Jacqueline Laranja Leal Marcelino (UNEB)¹⁶

RESUMO

Neste trabalho, analisam-se questões de gênero e como estas impactam a vida de Celie, protagonista da narrativa *A cor púrpura* (1986) de Alice Walker. São privilegiadas questões de gênero e etnia, contextualizadas e problematizadas com o apoio de referencial histórico, dos estudos feministas e pós-coloniais: Alice Walker (1983), bell hooks¹⁷ (1981, 1984, 1990) e 2000), Joana Maria Pedro (2005) dentre outras. A partir do termo *womanism*, uma vertente de feminismo negro, termo e conceito proposto por Alice Walker (1983), e frequentemente associado ao termo sororidade, são estudadas as relações /interações entre Celie e selecionadas personagens femininas secundárias. Destaca-se que cada mulher negra que interage com Celie, acrescenta novas maneiras de ver e enfrentar a vida apesar de serem igualmente negras e sem posses, com exceção de Docie Avery, que havia conquistado independência financeira como cantora profissional. Para o enfrentamento das violências potencializadas pela intersecção de etnia negra, historicamente em desvantagem pelo estigma imposto pela escravidão e classe social, marcada pela estagnação com origem também no sistema escravocrata, conclui-se que o *womanism* e a sororidade resultam em ser potência de ajuda mútua, para mulheres negras, como mecanismo de superação das verdades impostas pela sociedade patriarcal, especialmente por questionar questões de gênero.

Palavras-chave:

Gênero. Feminismo negro. Sororidade

ABSTRACT

In this work, gender issues are analyzed considering how they impact the life of Celie, protagonist of the narrative *The color purple* (1986) by Alice Walker. Gender issues and ethnicity

¹⁶ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES; Mestre em Estudos de linguagens pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB; Especialista em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES; Licenciada em Letras, Língua Inglesa e literaturas de língua Inglesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Professora adjunta na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, DEDC-X, Teixeira de Freitas. Atualmente coordenadora do colegiado Letras, Língua Inglesa e respectivas literaturas no DEDC X, UNEB, E-mail: jmarcelino@uneb.br

¹⁷ A autora adota seu nome escrito em letras minúsculas.

Gênero, sexualidade e identidades

are privileged, contextualized and problematized with the support of historical references, feminist and post-colonial studies: Alice Walker (1983), bell hooks (1981, 1984,1990) e 2000), Joana Maria Pedro (2005) among others. From the term womanism, a strand of black feminism, a term and concept proposed by Alice Walker (1983), that is often associated with the term sorority, the relationships / interactions between Celie and selected secondary female characters are studied. It must be mentioned that each black woman who interacts with Celie, adds new ways of seeing and facing life despite being equally black and without possessions, with the exception of Docie Avery, who had gained financial independence as a professional singer. To face the violence potencialized by the intersection of black ethnicity, historically at a disadvantage due to the stigma imposed by slavery and social class, marked by stagnation that also originated in the slave system, womanism and sorority turned out to be source of power for mutual help, for black women as a mechanism to overcome the truths imposed by patriarchal society, especially for questioning gender issues.

Keywords:

Gender. Black Feminism. Sorority

1 Introdução

A escritora Alice Walker cunhou o termo *womanism* como alternativa para o feminismo negro por entender que “feminismo” não dava conta da pluralidade de interesses de tantas mulheres diversas e como mulher negra desejava distinguir características específicas das vivências de seu grupo étnico. Junto a ideia do womanism, frequentemente Walker aborda a questão da sororidade, união e apoio entre mulheres, como alternativa para que as mulheres se fortaleçam pela ajuda mútua. Neste estudo, serão abordadas questões de gênero que impactam a vida de Celie, a protagonista da narrativa *A cor púrpura* (1986) de Alice Walker, a mantendo submissa à sua condição de mulher negra e pobre como ser subalterno e não merecedor de respeito e ou amor, constantemente “coisificada” como uma mulher escravizada em seu ambiente doméstico. Também será abordado como a emancipação desta personagem, se dá a partir da desconstrução dos estereótipos de gênero, na interação amorosa e cuidadosa por outras mulheres que por sua vez já haviam se libertado destas amarras do jugo patriarcal ou que seguiam lutando contra as mesmas.

Para subsidiar este estudo recorreu-se aos ensaios *In search of our mother's gardens*, A procura dos jardins de nossas mães, de Alice Walker (1983), escritas feministas de bell hooks (1981, 1984,1990) e 2000),

abordagem de o uso da categoria gênero na pesquisa histórica de Joana Maria Pedro (2005) dentre outros (as).

Quanto à obra literária afro-americana selecionada para este estudo, *A cor púrpura*, cumpre destacar que tal narrativa rendeu a Alice Walker o *Pulitzer Prize*, em 1983, prêmio que lhe conferiu grande notoriedade. Esse romance tornou-se um *best-seller* e objeto de estudo em aulas de diversos campos do conhecimento, como literatura, história e sociologia, dentre outros, por abarcar temas contemporâneos e polêmicos, tais como violência familiar, incesto, racismo, sexismo, lesbianismo e mutilação genital feminina. Essa narrativa desvela a história de vida da personagem Celie, a partir dos seus quatorze anos.

Trata-se de uma menina a quem é imposto o silêncio pelo homem que ela acreditava ser seu pai e por parte de quem sofreu abuso sexual. Ele a silencia ao ameaçá-la dizendo que ela só poderia contar o acontecido a Deus, pois, se contasse a qualquer outro, sua mãe morreria. Escrever cartas a Deus passa a ser a forma de resistência encontrada por Celie para “ser” e viver quando é concedida em casamento pelo padrasto a um homem branco, mais velho e violento, chamado Albert, a quem ela só chama de Sinhô.

Para compreender os conflitos vividos por Celie destacaremos notas sobre o movimento social do feminismo que originou outras formas de feminismos, evidenciando as questões de gênero que passamos a discutir a seguir.

2 Questões de gênero & *A cor púrpura*

Como movimento social visível no Ocidente, o feminismo ficou conhecido por estágios denominados “ondas”. Na explicação de Pedro (2005), o feminismo de primeira onda desenvolveu-se no final do século XIX, marcado pelas lutas pelos direitos políticos de votar e ser eleita e, também, pelos direitos sociais e econômicos: trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo de segunda onda é posterior à Segunda Guerra Mundial e caracteriza-se pelas lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado. No início do movimento feminista de segunda onda, a categoria usada era “Mulher”, pensada como contraponto da palavra “Homem”, que,

Gênero, sexualidade e identidades

até então, era considerada universal, como se incluísse todos os seres humanos.

Os movimentos feministas passaram, então, a questionar a universalidade de “Homem” e defender as questões próprias da “Mulher”, tais como o direito de ter ou não ter filhos, a luta contra a violência doméstica, a divisão das tarefas domésticas, etc. As mulheres percebiam o quanto de comum permeava suas histórias e se conscientizavam – como defendia Simone de Beauvoir (1980) – de que o fato de terem se tornado tão submissas e com baixa autoestima era fruto da cultura dominada pelos homens. Ainda durante a segunda onda, quando se usava a categoria “Mulher”, foi criada a categoria “gênero”, como tributária das lutas do feminismo. A categoria ‘gênero’ tem sido geralmente usada em oposição a ‘sexo’ para descrever o que é social e culturalmente construído, contrapondo-se ao que é biologicamente dado. Segundo Joana Maria Pedro, referindo-se à realidade dos Estados Unidos e Europa:

[...] os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra ‘gênero’ no lugar de ‘sexo’. Buscavam, desta forma, reforçar a idéia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do ‘sexo’ como questão biológica, mas sim eram definidos pelo ‘gênero’ e, portanto, ligadas à cultura (PEDRO, 2005, p. 78).

O objetivo de se passar a usar a categoria gênero, que ganhou visibilidade nos anos 80, foi reforçar a compreensão de que as diferenças que se percebiam nos comportamentos de homens e mulheres, em vez de serem ditadas pelo sexo biológico, manifestavam-se por questões culturais. O uso desse novo termo nasceu de reflexões ligadas aos movimentos sociais de mulheres feministas, gays e lésbicas; questionamentos que buscavam não apenas estudar e problematizar a subalternidade das mulheres, mas principalmente promover a desconstrução das relações desiguais entre elas e os homens.

Paralelamente, a categoria “Mulher” seguia sendo questionada. Argumentava-se que essa categoria não podia dar conta de reivindicações extremamente diversas de grupos que apresentavam demandas específicas, como as mulheres negras, indígenas, mestiças, pobres, trabalhadoras, etc. Essa pluralidade de anseios e de necessidades evidenciou que não havia “A

mulher”, mas sim “Mulheres”, com as mais diversas experiências e reivindicações. Historicamente, as primeiras a questionar as propostas do feminismo foram as mulheres negras norte-americanas, que consideraram o movimento, em sua origem, branco, elitista e excludente, uma vez que não contemplava as diferenças, sobretudo referentes à raça e à classe.

Os temas que permeiam o movimento feminista negro são, segundo Nancy Fraser (1997), o legado de uma história de luta, a interligação de raça, gênero e classe, o combate aos estereótipos e aos trabalhos de baixa remuneração, que clamam por visibilidade e contemplam as vivências e necessidades específicas das mulheres negras. Pesquisas e estudos foram publicados focalizando aspectos da história feminina e negra. Na obra *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*, por exemplo, bell hooks (1981) historiciza a opressão sexista e racista durante a escravidão, quando a exploração sexual das negras escravizadas se naturalizou em contraste com a repressão sexual da mulher branca.

Segundo hooks (1981):

[...] enquanto os colonizadores brancos adotaram uma identidade moralista para si mesmos, ficaram ainda mais ávidos de rotular o povo negro de pagãos sexuais. Como a mulher foi designada como a causadora do pecado original, as mulheres negras eram naturalmente vistas como a personificação da maldade e da luxúria sexual. Elas foram rotuladas de Jezebeis, sedutoras sexuais e acusadas de levar os homens brancos para longe de sua pureza espiritual em direção ao pecado (hooks, 1981, p.25).

Chegando ao século XX, hooks destaca as dificuldades em ser mulher negra da diáspora. A luta antirracista, brutal a ponto de essas mulheres inicialmente não se darem conta de que o sexismo poderia ser tão opressivo como o racismo, fez com que elas se agarrassem “à esperança de que a libertação da opressão racial seria tudo o que era necessário para sermos livres.” (hooks, 1981, p. 5). Quando a opressão acontece em vários níveis e ainda não se tem noção de que esses efeitos podem ser cumulativos, é natural que o primeiro obstáculo a ser transposto seja o único a ter visibilidade.

Bell hooks (1981) lembra que, apesar de as mulheres negras terem lutado em igualdade ao lado dos homens negros durante a escravidão e na

Gênero, sexualidade e identidades

era da Reconstrução¹⁸, só eles avançavam em todas as esferas da vida americana. Nos anos 60 surgiu um movimento para resistir ao racismo, porém os valores patriarcais foram mantidos e os líderes políticos negros encorajavam as mulheres negras a se manterem em funções mais subservientes: “O que começou como um movimento de liberdade de todo o povo negro da opressão racista tornou-se um movimento cujo primeiro objetivo foi o estabelecimento do patriarcado negro” (hooks, 1981, p. 7).

O foco exclusivo do movimento contra o racismo, nos interesses dos homens negros, tornou invisível o duplo impacto da opressão sexista e racista contra as mulheres negras. hooks destaca a situação de exclusão e silenciamento dessas mulheres dizendo que “quando o **povo negro** é falado a tendência é focada nos **homens negros**; e quando as **mulheres** são faladas a tendência recai sobre as **mulheres brancas.**” (hooks, 1981, p. 8 grifo nosso). As mulheres negras são excluídas de um e de outro grupo, prática que com frequência reverbera na escrita da história americana.

Bamisile (2012) esclarece que, nos Estados Unidos, uma alternativa ao conceito de feminismo e, possivelmente, a mais conhecida no ocidente, é o *womanism*, proposto por Alice Walker (1983). O termo *womanism* apareceu pela primeira vez, na obra *In search of our mothers' gardens* (1983), na qual Walker explica que a origem desse termo se deve a uma expressão que a comunidade negra de mães diz às suas filhas: “Você está agindo como uma mulher” (WALKER, 1983, p. xi, tradução livre)¹⁹, para elogiar atitudes maduras e responsáveis, em oposição a agir como menina, que indica agir sem responsabilidade.

Walker (1983) acrescenta que essa expressão, que destaca o agir como mulher, é usada para elogiar atitudes corajosas de mulheres ou decisões delas que demonstrem amadurecimento, capacidade de assumir o controle de sua própria vida e desejo de conhecer além do que dizem ser bom para elas. Walker (1983) define *womanism* como um feminismo atento às necessidades das mulheres negras, por reconhecer que elas estão sujeitas a muito mais tipos de opressões do que as enfrentadas pelas mulheres brancas, mas defende a

¹⁸ Após a Guerra Civil, travada entre o sul e o norte dos Estados Unidos que divergiam sobre a questão da escravidão, os estados derrotados foram aos poucos readmitidos no país. O sul reconstruiu as propriedades danificadas e mudou sua economia, que passou a não mais depender de escravos. Esse período ficou conhecido como Reconstrução e durou até que as últimas tropas americanas deixassem o sul, em abril de 1877 (FONER, 2015, tradução livre).

¹⁹ “You act womanish”, i.e., like a woman (WALKER, 1983, p. xi).

sororidade²⁰ entre todas e quaisquer mulheres, para que cada uma possa contar com as outras.

Na obra *A cor púrpura*, Alice Walker (1986), também aborda a importância da sororidade, inclusive para desconstruir a lógica ocidental tradicional binária (homem x mulher) que tanto pode limitar a experiência humana. O despertar da protagonista começa lentamente com provocações de Nettie, sua irmã e Kate, sua cunhada; avança com as interações com Sofia, sua nora e culmina com a vivência do amor paixão por Docé Avery, amante de seu marido como abordaremos a seguir.

3 Nettie e Kate incitam Celie a não se conformar com abusos e desrespeito

Celie já estava casada com Albert quando recebeu a visita de sua irmã Nettie, que estava fugindo da residência do padrasto. Nos poucos dias em que Nettie passou com Celie, pôde observar como esta era desrespeitada pelos enteados, que pediam tudo nas mãos e nunca a ajudavam, como ressaltado no diálogo em que Nettie cobra que Celie se posicione como quem manda na casa, porém esta se resigna a admitir que não tem autoridade alguma, que não tem voz naquele lar:

Num²¹ deixa eles dominarem você, a Nettie fala. Você tem de mostrar pra eles quem é que manda.

Eles é que mandam, eu digo.

Mas ela cuntinua. Você tem de brigar. Você tem de brigar.

Mas eu não sei como brigar. **Tudo queu sei fazer é continuar viva** (WALKER, 1986, p. 28, grifo nosso).

Celie estava habituada a ceder para sobreviver. Admite não saber brigar e destaca que sua única estratégia era adaptar-se, aceitando ordens para evitar a morte. Posteriormente, Celie ouve de Kate, sua cunhada, conselho

²⁰ O termo sororidade é um aportuguesamento do inglês womanhood ou sisterhood que, por sua vez, é uma tentativa de criar uma terminologia própria às mulheres para definir a amizade, a aliança e a solidariedade de modo diferencial à amizade masculina (QUEIROZ, 2016).

²¹ Celie era semialfabetizada. Escrevia da forma que falava. Os tradutores optaram por marcar, na tradução, o desprestígio da variante linguística usada pela personagem, empregando um dialeto caipira.

Gênero, sexualidade e identidades

semelhante ao de Nettie, para corrigir seus enteados. A resposta de Celie é praticamente a mesma dada anteriormente à sua irmã:

Você tem de brigar com eles, Celie, ela fala. Eu num posso fazer isso por você. É você mesma que tem de brigar por você.

Eu num falo nada. Eu penso na Nettie, morta. Ela brigou, ela fugiu.

Que isso trouxe de bom? **Eu num brigo, eu fico onde me mandam. Mas eu tô viva** (WALKER, 1986, p. 32, grifo nosso).

Nesse diálogo, evidencia-se que, mesmo em novo espaço, na posição de casada, Celia permanecia pressionada a obedecer. Ela havia sido socializada para esse comportamento de subserviência em relação aos pares masculinos e se conformava. Em contrapartida, também é mostrado que em uma sociedade patriarcal os meninos são socializados de forma bem distinta. Certa vez, Kate, cunhada de Celie, ao visitar a família de Sinhô tenta convencer seu sobrinho a colaborar com a madrastra, mas ele é bastante grosseiro:

Harpo num deixa Celie carregar toda a água sozinha. Você é um minino crescido, agora. Tá na hora de ajudar um pouco.

As mulheres é que trabalham, ele fala.

Quê? Ela fala.

As mulheres é que trabalham. Eu sou homem. (WALKER, 1986, p.32).

Ainda bem jovem, Harpo reproduz o discurso machista de que trabalho doméstico é coisa de mulher, assim como Celie também internalizou. A discriminação sexual está impregnada na casa, na família, nas instituições em geral e na própria vítima, como aponta bell hooks (1984):

Assim como acontece com outras formas de opressão, o sexismo é perpetuado pela estrutura institucional e social; pelos indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e **pelas próprias vítimas**, que são socializados para se comportarem de maneira que as fazem agir em cumplicidade com o status quo (HOOKS, 1984, p. 43, grifo nosso, tradução livre).²²

²² "As with other forms of oppression, sexism is perpetuated by institutional and social structure; by the individuals who dominate, exploit, or oppress; and by the victims themselves who are socialized to behave in ways that made them act in complicity with the status quo. Male supremacist ideology encourages women to believe we are valueless and obtain value only by relating to or bonding with men" (HOOKS, p. 43, 1984, tradução livre).

Hooks argumenta que a emancipação feminina depende da erradicação do sexismo. Este precisa ser o objetivo primeiro do feminismo porque, enquanto predominar a ideologia de que o homem é o protagonista e a mulher é mera coadjuvante na vida pública ou privada, homens, mulheres e mesmo crianças e adolescentes vão continuar a reproduzir discursos e a cobrar práticas que aprenderam e naturalizaram, condicionando a mulher à subalternidade..

Se a vida de Celie foi marcada por violência física e psicológica, pior é constatar que aquilo que lhe foi dito e repetido *ad infinitum* acaba sendo absorvido como verdade, de modo que o sentimento de inferioridade se interiorizou e a jovem se resigna a uma vida marcada por deveres e alijada de direitos. Foucault (1984) discorre sobre a produção de efeitos de verdade:

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo que esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeito de poder que nos unem, nos atam (FOUCAULT, 1984, p. 229).

Celie foi vítima de efeitos de verdade que afirmavam que ela era feia, não aprendia e não evoluía na escola, numa estratégia que visava a justificar que fosse explorada em seu próprio lar por quem ela acreditava ser seu pai. Posteriormente, como se fosse uma mercadoria, a moça só trocou de “dono”, pois o homem que a desposou tinha intenção de se casar com Nettie, a irmã mais nova e apenas aceitou se casar com ela porque o pai das meninas só consentiu o casamento com a mais velha e o homem necessitava com urgência de alguém para cuidar dos muitos filhos que tinha.

4 Sofia desafia e ensina Celie pelo exemplo

Com o passar do tempo e o trânsito de novos personagens ocorrem mudanças na maneira de Celie apreender o mundo. Em sua nova morada, ela vem a conhecer e conviver com Sofia que se torna esposa de seu enteado e

Gênero, sexualidade e identidades

sobre ela Celie reflete: “Eu gosto de Sofia, mas ela num faz como eu de jeito nenhum. Se ela tá falando quando o Harpo e Sinhô entram na sala, **ela continua**. Se eles perguntam uma coisa pra ela, **ela fala que num sabe. E continua conversando**” (WALKER, 1986, p. 48, grifo nosso).

Celie se surpreende com a altivez e independência de sua nora, que mesmo sendo bem mais jovem que ela própria, não se deixa intimidar nem pelo marido nem pelo sogro. Sofia não se priva de fazer o que quer para dar satisfação a homem nenhum, mas apesar de Celie demonstrar que gosta de Sofia, acaba por reproduzir o discurso machista, como se observa no conselho que ela dá a seu enteado quando esse se queixa que sua esposa não obedece:

[...] quando o Harpo pergunta pra mim o que ele deve fazer para Sofia obedecer. [...] eu penso que toda vez **queu pulo quando Sinhô me chama**, ela fica surpresa. E parece que ela fica com pena de mim.

Bate nela eu falo (WALKER, 1986, p. 48, grifo nosso).

Celie aconselha Harpo a bater em Sofia, a recorrer, portanto, ao mesmo castigo que ela sofre toda vez que contraria seu esposo. Tendo sido criada em um ambiente machista e opressor, considera legítima essa prática, mesmo sabendo o sofrimento que ela proporciona.

Para hooks, “[...] todos nós, mulheres ou homens, somos socializados desde o nascimento para aceitar o pensamento e a prática sexista. Como consequência, as mulheres podem ser tão sexistas quanto os homens.” (hooks, 2000, p. viii, tradução livre)²³. A personagem Celie reproduz o discurso machista que defende que, para obedecer, a mulher deve sofrer castigos físicos, como se fosse natural o domínio dos homens sobre as mulheres. Além disso, Celie demonstra excessiva subalternidade quando diz que “pula” para atender prontamente a seu esposo ao primeiro chamado dele, como uma obrigação inquestionável. Quando Sofia percebe que Celie está aconselhando Harpo a bater nela e questiona a sua sogra sobre o porquê daquela atitude, ouve a seguinte explicação:

Eu falei porque sou idiota, eu disse. Eu falei porque tava com inveja de você. Eu falei porque você faz o que eu num dô conta de fazer.
O que que eu faço? ela falou.

²³ “[...] all of us, female and male, have been socialized from birth on to accept sexism thought and action” (hooks, 2000, p.viii).

Briga. Eu falei (WALKER, 1986, p.52).

Celie rejeita em Sofia o que na verdade gostaria de ter coragem de fazer. Sofia, por sua vez, naquele momento transforma a raiva que estava sentindo em tristeza e compara Celie com sua mãe: “[...] você me faz lembrar minha mãe. **Ela tá debaixo do polegar do meu pai**. Não ela tá debaixo do pé do meu pai. **Tudo que ele diz, ela faz**. Ela **nunca responde**. Ela **nunca se defende**” (WALKER, 1986, p. 53, grifo nosso). Sofia reconhece que, em Celie, assim como em sua mãe, mulheres de uma geração anterior, a agressão física masculina é usada como estratégia de coação, mesmo no ambiente doméstico, onde deveria existir amor e colaboração.

Em uma sociedade patriarcal, alerta hooks, o lar é o primeiro espaço de opressão para as mulheres, que desde o nascimento são ensinadas a aceitar e apoiar os privilégios dos homens: “Em nossa sociedade, a opressão sexista perverte e distorce a função da família”²⁴ (hooks, 1984, p. 36, tradução livre). Para a autora, a família deveria proteger e acolher os seus integrantes, pondo fim a essa ideologia por meio de uma educação que promovesse o reconhecimento da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Sofia demonstra uma consciência feminista ao dizer que toda vida brigou em seu próprio lar para não se submeter nem a pai, nem a tios e nem a primos. Chama a atenção para a violência no espaço privado ao denunciar que “uma criança mulher **não está sigura** numa família de homem” (WALKER, 1986, p. 52, grifo nosso). Sofia tem consciência de que em uma sociedade patriarcal, o homem toma a mulher como propriedade e sente-se no direito de explorá-la, seja para o trabalho ou para seu prazer sexual, sem se importar com o que a esposa sente ou pensa.

Sofia provoca Celie, perguntando o que ela faz quando fica com raiva do marido e esta responde: “Bom, tem vez **que sinhô me bate muito mesmo**. **Eu tenho que me queixar ao criador**. Mas ele é meu marido. **Eu deixo prá lá**. Essa vida logo acaba, eu falo. O céu dura pra sempre” (WALKER, 1986, p. 54). Sofia se irrita com tanto conformismo e explode: “Você tinha era que esmagar a cabeça do Sinhô, ela falo. E pensar no céu

²⁴ “In our society, sexist oppression perverts and distorts the positive function of family” (hooks, 1984, p. 36).

Gênero, sexualidade e identidades

depois” (WALKER, 1986, p. 54). Nessa passagem se evidencia como a religião cristã muitas vezes colabora com o patriarcado, pregando a resignação para se ganhar o céu.

Hooks adverte que “uma vez que a nossa sociedade continua a ser essencialmente uma cultura "cristã", massas de pessoas continuam a acreditar que Deus ordenou que as mulheres sejam subordinadas aos homens no lar”²⁵ (hooks, 2000, p. 2, tradução livre). Subentende-se na fala de Celie essa influência da cultura cristã, porém os comentários e atitudes de Sofia fazem com que Celie passe a questionar seu conhecimento do mundo. Pelo convívio com a nora, que não se submete ao marido, que reage às pancadas de Harpo com pancadas outras, Celie passa a entender que ser submissa não é da natureza das mulheres, nem é um mandamento de Deus.

Ao perceber que Harpo e Sofia brigavam como dois homens. Celie vai se dando conta de que rebelar-se, revidar ou defender-se não deve ser direito exclusivo dos homens. Que apesar das diferenças físicas, as mulheres devem ter igualdade de oportunidades e não se deixar paralisar pelas imposições. Pela convivência com Harpo e Sofia, depois de um certo tempo, Celie percebe que o relacionamento entre um casal deve ser norteado pelo amor e respeito e tenta convencer Harpo a não mais partir para a agressão física contra sua esposa. Celie explica: “Sinhô casou comigo preu cuidar das crianças dele. Eu casei com ele porque meu pai forçou. Eu num amo Sinhô e ele num me ama” (WALKER, 1986, p. 76).

Seu casamento com Sinhô é bem diferente do enlace entre Harpo e Sofia, jovem casal que se uniu por amor. Harpo, porém, ainda insiste na subalternidade da mulher no casamento: “Mas você é a **esposa** dele, ele falou, como Sofia é a minha. **A esposa deve obedecer**” (WALKER, 1986, p. 76, grifo nosso). A essa altura da narrativa, Celie já havia despertado para nuances nas relações entre homens e mulheres: “A Docí Avery **obedece** Sinhô? Eu perguntei. **Ela é a mulher com quem ele queria casar**. Ela chama ele de **Albert**, num vacila em falar pra ele que as cueca dele tão fedendo” (WALKER, 1986, p.77, grifo nosso).

Ao dizer que a amante chama seu marido de Albert enquanto ela própria o chama de Sinhô, Celie reconhece sua sujeição aos deveres

²⁵ “Since our society continues to be primarily a “Christian” culture, masses of people continue to believe that god has ordained that women be subordinate to men in the domestic household.” (hooks, 2000, p. 2).

reconhecidos nessa instituição: cuidar da casa, cuidar dos filhos, atender os desejos sexuais do marido. Por outro lado, Doci o trata de igual para igual, ousando até mesmo criticá-lo pela higiene pessoal. Nessa reflexão, Celie identifica que as diferenças entre homens e mulheres não estão baseadas em características masculinas ou femininas específicas, mas, em posturas de comportamento que dependem dos indivíduos e das relações entre os pares.

Posteriormente, Sofia, a nora de Celie, sai de casa, levando os filhos, descontente com a vida de casada, ainda que vivesse de forma bem incomum, ao habitual: enquanto Harpo preferia se ocupar da cozinha e de cuidar das crianças, Sofia preferia se ocupar da roça e dos reparos domésticos. Por outro lado, Celie também é testemunha de que, se na vida privada Sofia era capaz de se defender, o mesmo não acontece na esfera pública, pois, em certa ocasião, a jovem Sofia ao revidar uma provocação da esposa do prefeito da cidade, se envolve em uma confusão e acaba presa.

Esse episódio demonstra diversos níveis e espaços de opressão que as mulheres negras têm de enfrentar. No ambiente doméstico, Sofia era independente e, portanto, conseguia enfrentar o marido, não permitindo que ele a subjugasse. Porém quando se trata de enfrentar uma autoridade, seja o prefeito ou mesmo algum policial, a situação não apresenta saída. Sofia apanha até não ter forças para reagir. Naquele contexto, a nora de Celie não conseguiu se defender e foi obrigada a passar vários anos na prisão, sofrendo muitas violências físicas e simbólicas. Tempos depois, conseguiu a alternativa de cumprir sua pena trabalhando como empregada doméstica justamente na casa do prefeito, uma ironia que torna pior a punição que começou fragilizando o corpo de Sofia, com as surras e castigos físicos na prisão. Sobre as relações de poder sobre o corpo, Foucault defende que:

As relações de poder têm alcance imediato sobre ele (o corpo); elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (FOUCAULT, 1987, p. 29).

Sofia foi presa porque se rebelou contra a autoridade do prefeito e da polícia, por isso os policiais a surraram e a prenderam como estratégias de fazê-la se conformar com a ordem das instituições. Segundo a análise de

Gênero, sexualidade e identidades

Foucault (1987), o poder é exercido para manter a situação conforme o desejo do dominador, mas isso não significa dizer que o dominado seja desprovido de forças. Como Sofia estava em muita desvantagem para lutar contra o sistema, ela se vê obrigada a se submeter e, tendo sido justamente ela a primeira pessoa a mostrar a Celie que havia jeito de se rebelar contra a tirania doméstica, ao ver-se subjugada em uma situação de poder disciplinar exercido pela polícia, é obrigada a obedecer e acaba se rendendo aos ensinamentos da sogra para sobreviver.

Ao visitar a nora na prisão, Celie pergunta como ela estava conseguindo sobreviver naquelas condições, ao que Sofia responde: “Toda vez que eles me mandam fazer alguma coisa, Dona Celie, **eu faço como se fosse você**. Eu me levanto e faço do jeitinho que eles querem” (WALKER, 1986, p.104, grifo nosso). Naquele momento, Sofia iguala-se a Celie, submetendo-se estrategicamente por instinto de preservação. Ela entende que tal qual uma escrava, seria morta se não se submetesse.

Essa experiência, vivida por uma mulher forte e independente como Sofia, permite ao leitor entender melhor a situação da protagonista Celie. Ela era muito jovem e, quando estuprada várias vezes pelo pai, não o denunciou por temer que ele matasse sua mãe como sempre ameaçava, o que evidencia que qualquer mulher, forte ou fraca, estando sozinha e sem amparo legal, não tem como enfrentar uma situação de desigualdade em que o dominante se ache no direito de subjugar-la.

Quanto à prática de estupro, muito presente na vida da protagonista, bell hooks (1990) a interpreta como estratégia usada pelo homem branco para impor sua dominação sobre três setores sociais: primeiro, sobre as mulheres negras, o grupo dominado e que fisicamente era sempre mais desrespeitado; segundo, sobre as mulheres brancas, considerando que a exploração sexual das mulheres negras era utilizada também para humilhar e intimidar as esposas brancas, pela imposição e por reforçar a dominação falocêntrica também no espaço privado; e finalmente sobre os homens negros, pois essa barbárie lhes fazia lembrar a subtração de poder e status social. Assim, dentro das relações escravagistas - o estupro simbolizaria o gesto da castração.

5 Docí Avery e a desconstrução da concepção de gênero

Além de Sofia, outra personagem que contribui para o crescimento e libertação da protagonista Celie é Docí Avery, cantora e, a princípio, amante de Albert, marido de Celie. Albert leva Docí Avery para morar em sua casa, pois a cantora estava muito doente. O que poderia ser mais uma forma de humilhar e castigar Celie transforma-se em uma grande oportunidade para ela própria. Celie já admirava Docí Avery pelo que ouvia falar dela e por fotos que já havia visto e, quando a vê chegando a sua casa demonstra pela primeira vez vontade de fazer valer sua voz: “Entra, **eu quero gritar. Berrar.** Entra. Com a ajuda de Deus, Celie vai fazer você ficar boa. **Mas eu num digo nada. A casa num é minha. Também ninguém me pergunta nada**” (WALKER, 1986, p. 58, grifo nosso). Celie lamenta não ser reconhecida como dona da casa e o fato de não ser ouvida naquele lugar onde ninguém se interessa pelos seus desejos. Ela expressa seus sentimentos contra o mundo, que insiste em mantê-la invisível e sem voz por não se interessarem por sua opinião.

Com a convivência, aos poucos, Celie e Docí Avery se tornam amigas e Celie acaba por se apaixonar pela cantora ousada e independente, que a inspira e incentiva a tomar as rédeas de sua vida, rompendo com a existência de opressão a que era submetida. Docí Avery corresponde à paixão por encantar-se com a dedicação e o amor de Celie. A protagonista, incentivada pela amada, abandona seu marido e passa a se dedicar à arte da costura, ofício que desenvolvia com esmero e que passa a ter outra dimensão em sua vida a partir do momento que Docí Avery a elogiava pelas peças tão bem produzidas artesanalmente.

Tempos depois, Celie reencontra seus filhos, frutos dos estupros que sofreu por parte do suposto pai. Ela já havia descoberto que seu pai era, na realidade, seu padrasto, mas o fato de ele não ser seu pai biológico não tem efeito atenuador sobre os abusos sexuais sofridos, pois ela o considerava como pai e ele deveria ser o responsável por sua educação e cuidados. Importa destacar que, se o pai/padrasto de Celie não a respeitava como filha, o marido também não a respeitava como esposa. Albert revela todo o desprezo que sente quando Celie avisa que vai se mudar para Memphis com Docí Avery. Ele começa dizendo que no norte não tem nada para uma pessoa como ela: “Olhe pra você. Você é **preta, é pobre, é feia.** Você é **mulher.** Vá pro diabo, ele falou, você não é **nada**” (WALKER, 1986, p. 229, grifo nosso).

Gênero, sexualidade e identidades

Albert, um homem branco, utiliza as palavras “preta” e “mulher” como adjetivos para desclassificar sua esposa, explicitando os sentidos negativos fixados pelos discursos do dominador/colonizador/patriarca. Ele também a chama de pobre e feia para reduzi-la a “nada”, de acordo com sua perspectiva racista e machista, evidenciando o peso da intersecção de gênero, raça e classe quando se imbricam com as questões de discriminação em geral.

Como lembra hooks (2000), historicamente as mulheres negras têm apresentado pouca mobilidade social, já que vêm se ocupando prioritariamente de serviços subalternos, o que faz com que permaneçam nas camadas mais pobres da sociedade.

A agressão verbal de Albert contra sua esposa, citada acima, acontece quando Celie já está de partida para Memphis com Docí Avery e depois que ele já tinha feito a seguinte provocação:

[...]. A Docí tem talento, - ele falou. Ela canta. Ela tem garra, ele falou. Ela pode falar com qualquer um. Docí faz vista, - ele falou. Quando ela levanta as pessoa olham pra ela. Mas você, o que você tem? **Você é feia.** Magricela. Você tem um jeito engraçado. **Você é medrosa demais pra abrir a boca na frente das pessoas.** Tudo que você pode conseguir lá em Memphis é ser impregada da Docí. Botar o lixo dela pra fora e quem sabe fazer a comida. Você também num é nem boa cozinheira (WALKER, 1986, p.229, grifo nosso).

Albert compara Celie com Docí Avery, enaltecendo, além da vocação artística da segunda, a emancipação, a altivez, o fato de Docí ter voz e presença, enfim, tudo o que em geral os homens machistas tentam inibir nas mulheres. O paradoxo é que, enquanto defende o papel subalterno para a esposa, demonstra paixão por uma mulher que tem perfil dominante, independente e que não se submete ao tradicional sistema patriarcal.

As diferenças entre Celie e Docí Avery são muitas. As duas mostram que há muitas diferenças entre mulheres, assim como entre homens e mulheres e que essas diferenças decorrem da forma como as pessoas são socializadas e não necessariamente de características inerentes ao sexo biológico. Ao conviver com Docí, Celie começa a perceber que homens e mulheres podem partilhar de condutas que ela acreditava caracterizar um ou outro indivíduo de diferentes gêneros, como se revela no momento em que Docí Avery ao reencontrar Sofia diz: “Minina, **você tá mesmo gostosa.**”

(WALKER, 1986, p. 96, grifo nosso). Celie se surpreende com essa fala de Docí e reflete:

Aí foi que eu reparei como a Docí **fala e age às vezes como homem. Homem é que fala coisa assim pras mulher**, Minina você tá mesmo é gostosa. **As mulher sempre falam do cabelo e da saúde. Quantos nenê tão vivendo ou morrendo, ou tão com dente nascendo.** Num falam que a mulher que elas tão abraçando tá mesmo gostosa (WALKER, 1986, p. 97, grifo nosso).

Apesar de Celie tentar recapitular o que sempre entendeu como sendo conversa de homem ou de mulher e demonstrar surpresa com a saudação de Docí a Sofia, fica evidente que ela desconstrói essa noção porque em seguida ela complementa: “Docí, eu falo pra ela na minha cabeça, **Minina, você tá mesmo gostosa**, só Deus sabe o quanto” (WALKER, 1986, p. 97, grifo nosso). Ao imaginar que poderia igualmente usar o adjetivo “gostosa” para Docí, ela assume que, de fato, homem ou mulher podem assim se expressar em relação a uma mulher, e pela interação com mulheres fortes e independentes como Sofia e Docí, vai ampliando sua compreensão do que é ser mulher.

Celie e Docí diferem uma da outra tanto no que se refere à personalidade, ao modo de ser, quanto no que diz respeito ao modo de se vestirem e agirem. Enquanto Celie é caracterizada como dona de casa e esposa sem voz, que nem sequer conhece de fato o prazer sexual, uma vez que as experiências de sexo que viveu foram de abuso ou de total descaso com o seu prazer, Docí é uma mulher experiente, inclusive, em sexo, com um jeito especial de se vestir, de falar de igual para igual com Albert e com qualquer outro homem. Desde o início encanta Celie por sua independência e liberdade. Pelo convívio com Docí Avery, Celie passa a aprender muito sobre seu próprio corpo, sobre o amor, sobre a vida em geral.

Uma das características mais fortes de Docí Avery é a autonomia pela independência financeira conseguida por meio da arte, porém essa personagem também evidencia muitas identidades cambiantes: por ser cantora, deixou os filhos para sua mãe criar, mas em certo momento busca conviver com um dos filhos, mostrando que a maternidade pode ser vivida de diferentes formas, dependendo da idade e das escolhas da mulher. No campo afetivo, viveu uma grande paixão com Albert, com quem teve dois filhos,

Gênero, sexualidade e identidades

mas não pode se casar por objeção do pai de Albert, que reprovava sua independência e liberdade. Viveu um grande amor com Celie, mas não deixou de ter romances heterossexuais, inclusive com um rapaz bem mais jovem quando já estava na meia idade.

Além de todas essas vivências de Docí, testemunhadas por Celie, merece ser ressaltada a importância de Docí ser admirada pela arte de cantar, atividade importante para marcar uma identidade empoderada. Assim, os comportamentos e o modo de ser de Docí mostraram a Celie que as histórias das mulheres não se resumem à servidão e ao apagamento. Celie compreendeu que poderia desvencilhar-se dos grilhões que a aprisionavam e que poderia usar a sua força produtiva para si mesma como profissional, como mulher, como ser humano e, ainda, que merecia conhecer seu próprio corpo, assim como poderia aprender a viver seu prazer sexual.

6 Considerações Finais

No decorrer da narrativa de Alice Walker, observa-se que a identidade da protagonista passa por uma desconstrução e reconstrução a partir da interação com outras mulheres que já estavam habituadas a desafiar o sistema patriarcal. Apesar de inicialmente os conselhos de Nettie e Kate parecerem impossíveis de serem seguidos por medo, insegurança e instinto de preservação, esses, certamente causaram os primeiros abalos em sua visão de mundo, fruto da forma como foi socializada para se conformar e aceitar tudo que lhe fosse imposto. Porém, o convívio com mulheres como Sofia e Docí Avery, que não se deixaram moldar por estereótipos femininos ditados pela ordem patriarcal e racista, em um ambiente/época em que se objetivava reduzir a mulher a “o outro” do homem, sem direitos e sem visibilidade, foi crucial para o crescente empoderamento que Celie conquistou e que propiciou total transformação em sua vida.

Para Celie, sua reconstrução identitária tem início por meio do autoconhecimento, a partir de sua interação com mulheres com experiências de vida mais independentes e autônomas. Destaca-se, que é, principalmente pelo ofício/arte da costura que Celie se dá conta de seu potencial criador e passa a exercer sua criatividade. Ela que criava colchas com a finalidade de aquecer a família, ao ter seu trabalho produtivo valorizado e reconhecido por Docí Avery, passa a direcionar sua força criativa para a confecção de peças

personalizadas, tornando-se empresária no ramo de costura. No momento de sua ascensão profissional, ela também demonstra agradecimento e apreço especial às suas companheiras, ao empregar Sofia e outras mulheres de seu convívio em seu novo empreendimento, evidenciando então, que a sororidade promove transformações nas vivências de todas elas. Celie se deu conta de que seu êxito profissional só foi alcançado a partir do apoio de Docí Avery e compreendeu que apoiar outras mulheres não apenas emocionalmente mas propiciando ganhos financeiros, seria o caminho para que outras tantas pudessem trilhar seus caminhos com mais independência e autonomia.

Portanto, em *A cor púrpura*, Alice Walker desmistifica a caracterização de “mulher negra” como um bloco homogêneo de mulheres, apresentando mulheres negras diversas e em diferentes níveis de consciência sobre a manipulação de seu corpo e vontades seja por homens e mulheres brancos (as) e /ou negros(as). Como vimos, no convívio com estas diferentes personagens, Celie, a protagonista, se depara com muitos questionamentos e passa a conhecer possibilidades de ser mulher, diferente do ensinado em sua casa ou na igreja, espaços únicos a que tinha acesso, visto que muito cedo foi retirada da escola sob a alegação de que ela não aprendia. Depois de casada, a mudança para o novo lar, ainda que metáfora de novo aprisionamento, acabou por propiciar o encontro de Celie com mulheres de vivências diversas que a fazem compreender outros insights e principalmente que o sexo biológico não é determinante para que ela se sujeite ao homem com quem casou ou para que as mulheres se sintam inferiores aos homens. Esta narrativa de Walker, nos sensibiliza para a extrema vulnerabilidade das mulheres negras que podem ser privadas de escola, dignidade, amor e respeito, por abuso de poder e ainda por interesse de uma parcela da sociedade em perpetuar a inferiorização de uma etnia que foi vítima de escravização como se esta fosse uma característica desta etnia e não uma barbárie cometida contra ela. Já a relativização do que compete a homem ou mulher ser/fazer, promovem relevantes questionamentos a cerca do que é de fato inerente a construção social de ser homem ou mulher. Por tudo isso, promove reflexões e ensinamentos tão necessários, seja como reparação histórica, seja como sensibilização para uma sociedade mais igualitária, lembrando que as mulheres negras como quaisquer outros grupos femininos, devem estar

Gênero, sexualidade e identidades

irmanadas para que uma de suporte a outra, porque a luta é diária e o empoderamento é um processo em permanente construção.

REFERÊNCIAS

BAMISILE, Sunday Adetunji. *Questões de gênero e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

FONER, Eric. Reconstruction: United States. Encyclopaedia Britannica, Inc.5 mai2015. Disponível

em :<<https://global.britannica.com/event/Reconstruction-United-States-history>> Acesso em jun 2019.

FOUCAULT, Michel. *Dois ensaios sobre o sujeito e o poder*. Paris: Gallimard, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRASER, Nancy. Justice Interruptus: Critical Reflections on the "Postsocialist" Condition. New York & London: Routledge, 1997.

HOOKS, Bell. *Yearning: race, gender and cultural politics*. Boston: South End Press, 1990.

_____. *Feminism is for everybody: passionate politics*. Boston: South End Press. 2000.

_____. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End Press,1984.

_____. *Não sou eu uma mulher. Mulheres Negras e feminismo*. Tradução livre para a plataforma gueto. 1981. Disponível em: <https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf> Acesso em 11 nov 2015.

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. In: História. São Paulo, v.24, n.1, p 77-98, 2005.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Tradução Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. 7. ed. São Paulo: Marco Zero, 1986.

WALKER, Alice. *In search of our mothers' gardens*. New York: Harcourt & Company, 1983.